



EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA UEMA: AÇÕES PARA A CONSERVAÇÃO DO BOSQUE DO CAMPUS PAULO VI

Área Temática: Meio Ambiente

Gabriel Fernando Sodré MÁXIMO¹; Andreia de Lourdes Riberio PINHEIRO²; Zafira da Silva de ALMEIDA³

Instituição: Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)

Resumo

As áreas verdes urbanas desempenham um papel fundamental na melhoria do espaço urbano, resultando na melhoria da qualidade de vida, além de outros benefícios que contribuem para manter o meio em equilíbrio. A educação ambiental contribui para a conservação dessas áreas ao incentivar o público a conservá-los. Dessa forma, esse projeto tem como objetivo identificar alternativas para manutenção e melhoria do uso público da área verde do Campus Paulo VI da Universidade Estadual do Maranhão, tendo como pressuposto o desenvolvimento de atividade sustentáveis. Para isso, foram desenvolvidas as metodologias de aplicação de pré e pós questionários semiestruturados para diagnosticar a percepção ambiental dos usuários do bosque, avaliação ecológica rápida a fim de analisar os aspectos físico e biológico do meio e o envolvimento da comunidade acadêmica e do entorno do Campus nas ações de sustentabilidade e manutenção da área em ações de sensibilização, de produção de mudas, blitz ecológicas, mutirão de limpeza, oficinas, apresentação de peças teatrais, etc. Foi constatado que 58% dos frequentadores do bosque entrevistados são do sexo masculino, com idade variando entre 14 a 27 anos, sendo 65% estudantes com ensino superior incompleto. O espaço do bosque é utilizado pelos usuários como um local de lazer e descanso, esses resultados mostram que o ambiente proporciona uma melhor qualidade de vida a seus frequentadores. Dessa forma, ressalta-se a necessidade de ações de Educação Ambiental para maior envolvimento de grupos na conservação do bosque, obtendo assim revitalização e renovação do conhecimento em educação ambiental.

Palavras-chave: Áreas verdes; Meio ambiente; Sensibilização.

¹ Graduando do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Maranhão, Campus Paulo VI.

² Graduada em Ciências Biológicas da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, Campus Paulo VI. Assessoria de Gestão Ambiental da UEMA.

³ Projeto Adjunto IV/ Departamento de Química e Biologia, Universidade Estadual do Maranhão – UEMA Campus Paulo VI. Assessoria de Gestão Ambiental da UEMA.

Introdução

A expressão “Educação Ambiental” (EA) tornou-se popular apenas nos anos 70, quando surgiu a preocupação com a problemática ambiental. A partir de então, ocorreram vários eventos que solidificaram a necessidade em se discutir tais questões, como a Conferência Rio 92, realizada no Rio de Janeiro em 1992, que estabeleceu a Agenda 21, que nada mais é do que um plano de ação para o século XXI visando a sustentabilidade da vida na Terra (DIAS, 2004).

Muitos países já possuem leis que regulamentam a EA, no Brasil, essa regulamentação é feita pela Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA), proposta em 1999 pela Lei nº 9.795. Essa lei, em seu Art. 2º afirma que a EA caracteriza-se como um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não formal (BRASIL, 1999).

A Educação Ambiental pode ser entendida como uma metodologia em conjunto, onde cada pessoa pode assumir e adquirir o papel de membro principal do processo de ensino ou aprendizagem a ser desenvolvido, desde que cada pessoa ou grupo, seja agente ativamente participativo na análise de cada um dos problemas ambientais diagnósticos e com isso buscando soluções, resultados e inclusive preparando outros cidadãos como agentes transformadores (ROOS; BECKER, 2012).

Com base nesses preceitos que a EA tem sido uma ferramenta poderosa, pois proporciona as condições para o desenvolvimento das capacidades necessárias para os grupos sociais, em diferentes contextos socioambientais, intervindo de modo qualificado tanto na gestão de uso dos recursos ambientais, quanto na concepção e aplicação de decisões que afetam a qualidade do ambiente, seja físico-natural ou construído (QUINTAS, 2008).

As áreas verdes urbanas são ambientes que proporcionam uma variedade de benefícios para o meio em que se encontram, como o aumento da qualidade do ar, diminuição da temperatura, aumento da umidade, além de proporcionar lazer para a população. Essas áreas verdes podem restaurar ou manter o sistema ecológico da região que ela se encontra, beneficiando, assim, não só o ser humano, mas também aos animais daquele ambiente.

Nesse contexto, o presente estudo visou à implantação de um programa de EA na área verde do Campus Paulo VI da Universidade Estadual do Maranhão, espaço denominado Bosque da UEMA, por meio da percepção ambiental e práticas sustentáveis, com o propósito identificar alternativas para manutenção e melhorias do uso público da área verde, tendo como pressuposto o desenvolvimento de atividades sustentáveis e além formar indivíduos atentos para os problemas de degradação do ambiente.

Metodologia

A pesquisa foi desenvolvida por meio da execução do projeto de Extensão intitulado “*Educação Ambiental na UEMA: ações para a conservação do Bosque*”, financiado por meio do Programa Institucional de Bolsa de Extensão (PIBEX) da Universidade Estadual do Maranhão no período de agosto de 2016 a agosto de 2017 e coordenado pela Assessoria de Gestão Ambiental da referida Universidade. A AGA/UEMA foi instituída em 2015 e tem como objetivo principal atingir a sustentabilidade ambiental da Universidade, dentro do seu programa Educação Ambiental para a Sustentabilidade insere-se o presente estudo.

Para o envolvimento da comunidade acadêmica e de entorno do Campus Paulo VI nas ações de sustentabilidade e manutenção da área do Bosque foi executada, inicialmente, a ação de cadastramento dos usuários do bosque e aplicação de questionários semiestruturado com questões abertas e fechadas, a fim de conhecer a avaliação socioambiental dos usuários do bosque e também por meio de observações *in loco* para análise de aspectos do meio físico e biológico.

Após o diagnóstico foram realizadas ações de sensibilização, a exemplo, da realização de produção de mudas, mutirão de limpeza, oficinas, apresentação de peças teatrais, etc. Realizaram-se ainda conversas informais com o público visando mais integração além do estabelecimento de parcerias com a Prefeitura do campus Paulo VI e a equipe do Laboratório de Extensão (LABEX/CCA), coordenado pela Profa. Dra. Ariadne Enes Rocha, com o objetivo de manter a qualidade do ambiente.

Resultados e discussão

Foi possível constatar que 58% dos frequentadores do bosque entrevistados são do sexo masculino, onde 98% são solteiros apresentando variação de idade entre 14 a 24 anos, sendo 65% estudantes com ensino superior incompleto, residentes em São Luís (84%) e São José de Ribamar (12%), esses dados de aspectos socioeconômicos foram visando várias possibilidades de trabalhar com grupos não tão específicos, ou seja, as variáveis analisadas (sexo, idade, escolaridade) serviram como parâmetro da representatividade dos frequentadores da população, o que possibilitou que todas as diversas camadas da população foram representadas na pesquisa.

Com base nos dados adquiridos, constatou-se que 47% dos entrevistados utilizaram o bosque como um local de lazer, sendo que no pós-teste esse percentual aumentou para 63%. Esses resultados mostram que o ambiente possui o atrativo de proporcionar uma melhor

qualidade de vida, tendo em vista que oferece estrutura como mesas e banco de concreto e uma vegetação organizada que deixa o ambiente agradável a quem o frequenta, vale ressaltar que o espaço do bosque não é utilizado apenas pela comunidade acadêmica, mas também pelas comunidades do entorno do campus (Figura 1).



Figura 1. Utilização do bosque como espaço de descanso e lazer pela comunidade acadêmica e de entorno do campus Paulo VI.

Fonte: AGA/UEMA, 2017.

Esses dados corroboram com o que afirmam Steuer e colaboradores (2012) quando dizem que as áreas verdes devem possibilitar à população momentos de lazer e recreação em contato com o ambiente natural, respeitando a vivência urbana e a interação com outras pessoas.

Concorda-se com Costa e Colesanti (2011) quando dizem que:

As diferentes funções (ecológica, social e de lazer, por exemplo) desenvolvidas pelas áreas verdes podem contribuir para a melhoria da saúde da população e do ambiente físico. A função ecológica, que influencia diretamente na ambiência urbana [...] A vegetação pode contribuir para melhorar a ambiência urbana sob diferentes aspectos, dos quais podemos citar, o controle micro-climático, a minimização da poluição e do barulho, atuando como barreira acústica, modificando a velocidade e direção dos ventos. Pode também contribuir para o bem-estar psicológico dos indivíduos, a saúde física e mental da população.

De acordo com os questionários aplicados, 51% dos entrevistados percebem o ambiente como sujo, isso se deve ao fato do descuido e falta de atenção dos usuários do espaço em manter o local bem conservado. Apesar de 87% destes acreditar que mantem o espaço limpo após a utilização, observou-se *in loco* e pela constatação de 74% dos entrevistados que alguns usuários produzem uma grande quantidade de resíduos, deixando-os no local, além de pichações e depredação dos bancos e mesas (Figura 2).



Figura 2. Pichações e depredação do espaço do bosque por parte dos usuários, observadas *in loco*.

Fonte: AGA/UEMA, 2017.

Após a constatação das ações de vandalismo, intensificou-se as conversas informais a fim de sensibilizar os usuários para a conservação do espaço, além do envio de ofícios para a Prefeitura de Campus para restauração do patrimônio depredado, especificamente com a pintura dos bancos e mesas, corte da grama, reformas do banco danificado e recolocação das lixeiras (Figura 3).



Figura 3. Restauração do patrimônio do Bosque da Universidade pela Prefeitura de Campus.

Fonte: AGA/UEMA, 2017.

No pós-teste percebeu-se que o índice de percepção do local como sujo diminuiu para 54% e que houve um pequeno acréscimo de 5% na percepção do ambiente como limpo, assim mostrando um avanço das ações de educação ambiental (Figura 4).

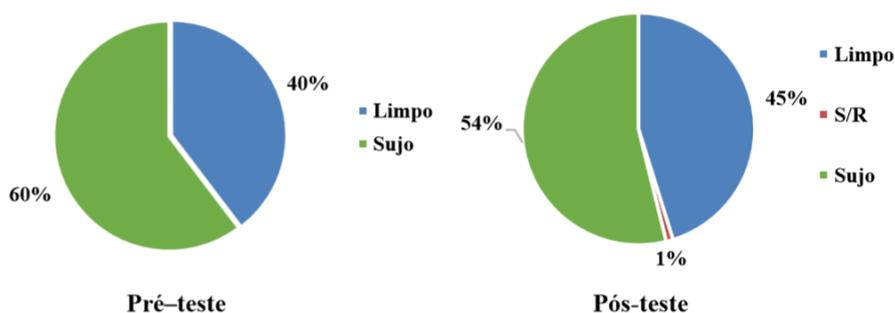


Figura 4. Condições percebidas pelos frequentadores do bosque da UEMA.

Quando questionados sobre quem é o responsável pela manutenção do espaço do bosque, no pré-questionário, 60% dos entrevistados disseram que todos devem se sentir responsáveis pela manutenção do espaço, participando da conservação da área verde. Além disso, 88% das pessoas afirmou que deve haver o envolvimento do público nessa ação e 3% sugeriram a realização de ações de cunho ambiental para o envolvimento de grupos que possam participar do projeto e para revitalizar e renovar o conhecimento de Educação Ambiental. Em relação ao pós-questionário, obteve-se um acréscimo de 15%, sendo que todos os usuários disseram que todos devem contribuir para essa manutenção (Figura 5).

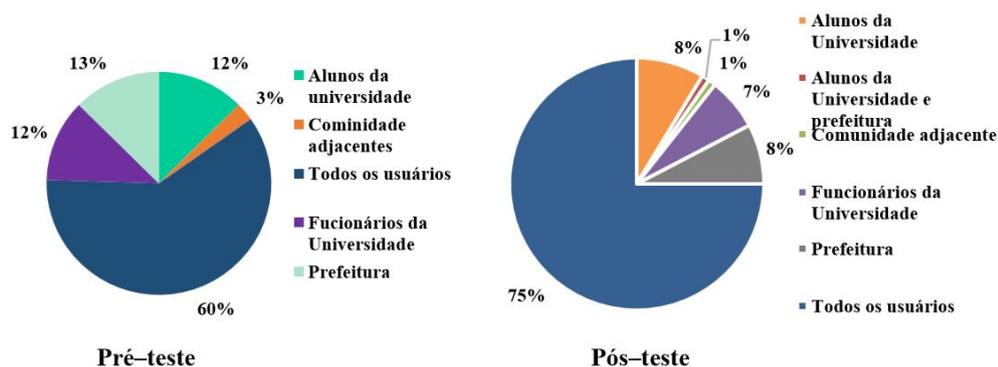


Figura 5. Percepção quanto sobre o significado de reciclar, reutilizar e reaproveitar.
Fonte: própria autora.

Tivemos como ações sugeridas pelos entrevistados: ações de manutenção (50%), segurança (21%), revitalização (11%), etc. Como resposta à questão da falta de segurança no local, a Assessoria encaminhou solicitação à Reitoria para que se estabelecesse parceria com a Polícia Militar, através do apoio recebido a área passou a apresentar mais segurança, tendo em vista que a área do bosque foi inserida nas ações de policiamento e patrulhamento realizados pela PM, havendo uma ronda policial que se desloca ao local, diariamente, em diferentes horários, realizando ações de revistas e conversas informais com os frequentadores da área. No que diz respeito à manutenção sugerida pelos frequentadores, a AGA, em parceria com a Prefeitura de Campus, vem realizando ações de manutenção dos bancos e mesas, limpeza e recolhimento dos resíduos e poda da vegetação com mais frequência (figura 6).



Figura 6. Atuação da segurança e manutenção dos bancos, vegetação, limpeza do bosque e conserto dos bancos pela Prefeitura de Campus em parceria com a equipe AGA/UEMA

Fonte: AGA/UEMA, 2017.

A EA foi aplicada de forma contínua no bosque, possibilitando a todos que compreendessem a importância da manutenção do local. Foram promovidos mutirões de produção de novas mudas na Fazenda Escola, posteriormente, foram realizados mutirões de limpeza e plantio de mudas para a revitalização do espaço. Além disso, realizou-se uma “Blitz ecológica”, ação que contou com a fixação de panfletos informativos nos para-brisas dos carros estacionados erroneamente no bosque, essa ação teve como objetivo sensibilizar os usuários que os carros devem ficar fora da área de conservação, assim mantendo a vegetação preservada (Figura 7).



Figura 7. Mutirão de produção de mudas, plantio e blitz ecológica realizados no bosque do Campus Paulo VI da Universidade Estadual do Maranhão.

Fonte: AGA/UEMA, 2017.

Durante a Semana de Meio Ambiente da UEMA – SEMEIA 2017, promovida pela AGA/UEMA, com financiamento da FAPEMA, aconteceram diversas ações que tiveram como foco disseminar o conceito de EA, melhorar as atitudes da comunidade acadêmica e também, das comunidades escolares do entorno do campus que utilizam o espaço. Realizou-se circuitos orgânicos, jogos com a temática de educação alimentar, além da parceria estabelecida com a EcoCemar que realizou show de mágica e conscientização sobre EA. Além disso, contou-se com a presença do Posto Médico e do Núcleo de Esportes da Universidade com a oferta de atividade de promoção da qualidade de vida e saúde, a exemplo de: (Figura 8).



Figura 8. Ações realizadas durante a SEMEIA 2017 no bosque do Campus Paulo VI na Universidade Estadual do Maranhão.

Fonte: AGA/UEMA, 2017.

Considerações finais

As ações desenvolvidas atingiram seu objetivo de oferecer qualidade de vida e de construção pessoal para os frequentadores, quanto à questão da sustentabilidade e conservação de espaços verdes.

Tivemos maior envolvimento dos frequentadores quanto alternativas viáveis para qualidade dos ambientes, eles propuseram mutirões de limpeza na área verde do campus, participando ativamente dessas ações. Além da promoção de atividades de cunho ambiental e de promoção de qualidade de vida realizados principalmente na Semana de Meio Ambiente.

A sensibilização foi feita de forma efetiva e contínua, tendo a integração de boa parte dos frequentadores do bosque, apesar disso, ainda foi possível identificar resistência por parte de alguns grupos que ainda possui o mau hábito de deixar o espaço sujo e carros estacionados na área. Porém, sabe-se que a EA é um processo lento e árduo e que a mudança de atitudes demanda tempo, tendo em vista que é necessário, primeiramente, que as pessoas entendam a real necessidade de preservação e conservação do ambiente em que vivemos. Tornando-se, portanto, necessária a continuidade da realização de ações e campanhas de cunho ambiental na área.

Referências

- BRASIL. **Política Nacional de Educação Ambiental**. 1999. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9795.htm>. Acesso em: 25 mar 2018.
- COSTA, R. G. S.; COLESANTI, M. M. A contribuição da percepção ambiental nos estudos das áreas verdes. **RA'E GA**, Curitiba, v. 22, p. 238-251, 2011.
- DIAS, G. F. **Educação Ambiental: Princípios e práticas**. 9. ed. São Paulo, SP: Gaia, 2014.
- QUINTAS, J. S. **Educação no processo de gestão ambiental pública: a construção do ato pedagógico**, Sobradinho, DF, dezembro de 2008.
- ROOS, A. BECKER, E. L. S. **Educação ambiental e Sustentabilidade**. **Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental**, v. 5, n. 5, p. 857-866, 2012.
- STEUER, I. R. W.; ARAÚJO, G. V. R.; OLIVEIRA, B. M. C.; SILVA, T. E. P.; EL-DEIR, S. G. Gerenciamento de áreas verdes na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) para recomposição florestal. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GESTÃO AMBIENTAL, 3. Goiânia, 19 a 22 de novembro. **Anais...** Goiânia, 2012.